

Webjornalismo Participativo, a Cauda Longa e o Movimento Pro-Am: Sinais da Des-re-territorialização no Jornalismo Digital?¹Vivian Belochio²**Resumo**

O atual estágio de desenvolvimento do jornalismo digital é marcado por uma série de mudanças e readaptações das práticas produtivas das mídias jornalísticas, que podem resultar na des-re-territorialização. As modalidades do jornalismo colaborativo são consideradas propulsoras do processo de transformação. A inclusão de tecnologias móveis de comunicação e de mídias locativas na troca de informações evidencia a possibilidade de ruptura. A colaboração do público em meios jornalísticos tradicionais demonstra o desenvolvimento do movimento Pro-Am, característico da cauda longa.

Palavras chave: webjornalismo participativo; cauda longa; des-re-territorialização

Abstract

The current stage of web journalism's development is marked by a range of changes and readjustments of the productive practices of journalistic media, which remits to the unterritorialization. The modalities of Participatory Journalism are considered propellers of such transformation process. The inclusion of mobile communication technologies and locative media in the exchange of information points out a rupture. The cooperation from the public in traditional news media indicates the development of Pro-Am movement, characteristic of the long tail.

Keywords: Participatory Journalism; Long tail; Unterritorialization.

¹ Texto apresentado no III Seminário Internacional da Comunicação (SIPECOM) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 2007.

² Doutoranda em Comunicação e Informação pela UFRGS . Jornalista, especialista em Gestão de Processos em Comunicação pela Unijuí e mestre em Comunicação Midiática pela UFSM. Participa de atividades no Laboratório de Interação Mediada por Computador (LIMC) da UFRGS e é membro do Grupo de Pesquisas Jornalismo Digital (JORDI) da UFSM. *E-mail* – vicabel@terra.com.br.

1.0 - Introdução

O reconhecimento dos sistemas colaborativos como possibilidades interessantes para os meios jornalísticos tornou-se evidente em diversas iniciativas da mídia informativa atual, que vem reconhecendo a participação do público como elemento estratégico para o enriquecimento de suas coberturas. Tal entendimento gera o pressuposto de que os sistemas colaborativos formam a cauda longa da informação, à medida que criam o chamado movimento "Pro-Am" (ANDERSON, 2006). Tal relação está baseada no fato de que os veículos da grande mídia estão disponibilizando canais participativos em seus *sites*, ao mesmo tempo em que são influenciados pelas informações trocadas pelo público na *web*.

Com o objetivo de trabalhar a questão, este trabalho enfoca as mídias locativas e as tecnologias móveis de comunicação (TMC) como elementos de ruptura, potencializadores da formação da cauda longa, e conseqüentemente do movimento Pro-Am. Acredita-se que a vulgarização do acesso às tecnologias citadas fortalece o webjornalismo³ participativo. Sua implantação nos meios jornalísticos tradicionais ainda demonstra uma fase de adaptação, que pode resultar no processo de des-reterritorialização (LEMOS, 2006). A utilização de vídeos e fotos, entre outros materiais, coletados por cidadãos a partir de celulares, câmeras digitais e outras TMC, como materiais jornalísticos, é um dos fatores que desencadeiam tal processo. Os instrumentos citados, juntamente com *softwares* dinâmicos sustentados por bases de dados (BARBOSA, 2006), possibilitam ainda mais o Pro-Am (ANDERSON, 2006), permitindo que amadores colem e encaminhem imagens, sons e textos aos jornalistas profissionais.

2 – A Cauda Longa da informação e os Pro-Ams

Há pouco mais de uma década, quando se pensava em entrar no cenário econômico com amplas possibilidades de sucesso, na maioria das áreas, chegava-se a uma conclusão: o lucro certo brota de opções consolidadas. Os produtos mais apreciados pela então conhecida massa de consumidores tinham prioridade com relação aos que não atingiam determinado grau de popularidade. Assim, os chamados *hits* – como são descritos os fenômenos populares da indústria do entretenimento –

³ Neste trabalho optamos pela designação webjornalismo, em concordância com argumentações de Mielniczuk (2003). A pesquisadora destaca que essa nomenclatura “diz respeito à utilização de uma parte específica da internet, que é a *web*” (p.27). O webjornalismo utiliza, conforme a autora, interfaces amigáveis da *web*.

uniformizavam desde a oferta de artefatos comerciais até produtos culturais. Gostos peculiares e produtos com menor potencial comercial acabavam ficando de lado, cedendo espaço aos mais conhecidos e com histórico de aprovação entre os consumidores.

Esse era o reflexo do sistema econômico vigente, como destaca Anderson (2006). A incompatibilidade entre a oferta e a demanda, diz o autor, aliada a problemas de distribuição, criava o que ele acredita ser “a tirania do mínimo divisor comum”, ou seja, a ditadura da desvalorização dos nichos em favor dos gostos da sociedade de massa. Assim ocorria até há pouco tempo atrás com a música, as marcas da moda, livros e também com o jornalismo. Os sistemas informativos hegemônicos dominavam o mercado de produção e difusão da informação e prevalecia a chamada comunicação de massa.

O modelo de comunicação um-todos, característico do sistema massivo, foi modificado com o advento das tecnologias digitais. Tornou-se mais fácil a comunicação na forma todos-todos, ocorrendo diversas mudanças nos fluxos de comunicação e no mercado. O surgimento do ciberespaço e a consolidação da *World Wide Web* (WWW) também contribuíram de forma significativa para essa transformação. A partir daí, potencializou-se a formação da chamada cauda longa (*long tail*). Definida por Anderson (2006) como marca registrada da contemporaneidade, é considerada forte evidência de que ocorreu uma evolução da escassez - época dos meios de comunicação de massa (MCM) - para o “mundo da abundância” - potencialização a partir das TICs -. Enfocando o mercado da música, o autor explica a cauda longa:

Nela é possível encontrar *qualquer coisa*, como velhos sucessos, ainda lembrados com carinho por fãs dos bons tempos ou redescobertos por novos aficionados; as gravações ao vivo, as faixas que não fizeram tanto sucesso, as remixagens e, para espanto geral, até *covers*. Os nichos chegam a centenas, gêneros, dentro de gêneros, dentro de gêneros. (ANDERSON, 2006, p.21)

Assim é descrito o funcionamento da cauda longa, a partir das possibilidades oferecidas pela Internet. A abertura dos pólos de emissão, que permite, conforme Lemos (2007), “a emergência de formas comunicacionais horizontais e multipolares

como *blogs*⁴, *podcasts*⁵, redes P2P⁶, *softwares livres*⁷” (p.9), entre outras, facilita a manifestação das instituições e do público. Igualmente, as amplas possibilidades de armazenamento e distribuição de informações transformam a rede num grande mercado virtual.

O resultado é uma diversidade de iniciativas integradas à teia global, que coloca à disposição produtos até então negligenciados pelo mercado tradicional. Anderson (2006) salienta que o grande potencial da cauda longa está na ampla capacidade de distribuição e troca aberta pela Internet. Ele salienta, também, que “as vendas agregadas, o uso ou outras manifestações de todas as pessoas nos novos nichos disponíveis que convertem a expansão maciça das alternativas em força cultural” (2006, p.50).

A teoria da Cauda Longa pode ser resumida nos seguintes termos: nossa cultura e nossa economia estão cada vez mais se afastando do foco em alguns hits relativamente pouco numerosos (produtos e mercados da tendência dominante), no topo da curva da demanda, e avançando em direção a uma grande quantidade de nichos na parte inferior ou na cauda da curva da demanda. Numa era sem as limitações do espaço físico nas prateleiras e de outros pontos de estrangulamento da distribuição, bens e serviços com alvos estreitos podem ser tão atraentes em termos econômicos quanto os destinados ao grande público. (ANDERSON, 2006, p.50)

Assim, iniciativas isoladas, que partem de um computador pessoal, por exemplo, adquirem visibilidade e atendem certa demanda. Os próprios interagentes são a vitrine do circuito de trocas formado na rede. Conforme Anderson (2006), a partir desse ponto forma-se um sistema colaborativo denominado “Pro-Am”. Citando

⁴ *Blogs* são páginas que permitem a publicação dos chamados *posts* – textos curtos – em ordem cronológica inversa. São criados e organizados pelos próprios interagentes, que podem utilizá-los como diários pessoais ou para a divulgação de informações. Também podem ser coletivos.

⁵ Os *podcasts*, conhecidos como *podcastings*, são arquivos de áudio disponíveis para *download* na Internet. Por meio desses aparelhos, os interagentes organizam seleções musicais ou falam sobre os mais variados assuntos, como pode ser feito *blogs*. A maior vantagem dos *podcasts* é a liberação dos ouvintes da grade de programação. Os arquivos, baixados em computadores ou tocadores portáteis, podem ser ouvidos a qualquer hora.

⁶ Redes *peer to peer* (P2P) são sistemas de comunicação que permitem a otimização de redes, ou seja, a troca de arquivos entre interagentes de maneira multilinear. Assim, um internauta pode baixar um arquivo de música, por exemplo, em formato mp3, recebendo seus dados binários de vários computadores, não diretamente de uma fonte.

⁷ *Softwares livres* são aqueles disponíveis à utilização de qualquer um que deseje usá-lo, copiá-lo, e distribuí-lo, seja na sua forma original ou com modificações, seja gratuitamente ou com custo. A possibilidade de modificações implica em que o código fonte esteja disponível. Brambilla (2005) chama esse modelo, no jornalismo, de *open source*.

experiências da astronomia realizadas em nível mundial com o auxílio de voluntários sem formação profissional, ele define o movimento como sistema “em que profissionais e amadores trabalham lado a lado” (p.58). Significa a execução de tarefas - antes restritas a pessoas reconhecidamente capacitadas - com o apoio do público leigo disposto a se engajar. A Internet é considerada um dos mecanismos fundamentais para que o trabalho diferenciado seja realizado, visto que abre caminho à comunicação independente da aproximação geográfica.

Neste ponto identifica-se um fenômeno que também está ocorrendo no jornalismo em redes digitais. Os sistemas participativos na *web* colocam jornalistas e leitores em parceria. Como afirma Gillmor (2005), “na nova era das comunicações digitais, com múltiplas direções, o público pode tornar-se parte integral do processo – e começa a tornar-se evidente que *tem de o ser*” (p.118). O jornalismo participativo e suas configurações no ciberespaço, em formatos de *blogs*, *sites* como *Wikipédia*, *Wikinews* e *OhmyNews*, além de outros canais abertos por webjornais da grande mídia, evidencia a incorporação da era Pro-Am nos sistemas informativos em rede.

As reflexões de Castells (1999) a respeito dos impactos da tecnologia da Internet nos sistemas jornalísticos complementam essa idéia. Considerando o ciberespaço como um “espaço de fluxos”, por onde circulam organizações e sujeitos que aderem a uma lógica distinta da realidade social institucionalizada, o pensador salienta que a independência adquirida pela rede amplifica seu potencial comunicacional em nível global. As apropriações do sistema – criado com propósitos militares – geraram o que o autor denomina ser “a era da informação em grande escala” (1999, p.375). De um sistema de comunicação invulnerável a ataques nucleares – como foi idealizado e projetado por técnicos da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA) -, transformou-se em ambiência interativa, representando a agregação de valor social⁸ para o jornalismo contemporâneo. Segundo Castells (1999),

Quando, mais tarde, a tecnologia digital permitiu a compactação de todos os tipos de mensagens, inclusive som, imagens e dados, formou-se uma rede capaz de comunicar todas as espécies de símbolos sem o uso de centros de controle. A universalidade da

⁸ BARBOSA (2006) destaca que os sistemas da chamada *web 2.0*, operados por intermédio de bases de dados de alto potencial, permitem o desenvolvimento de sistemas participativos, tendência contemporânea do webjornalismo que enriquece os produtos jornalísticos. Para a pesquisadora, “a incorporação das opções para compartilhar as matérias e reportagens agregando-os aos chamados ‘*sites sociais*’ é uma estratégia que rende não apenas mais acessos e publicidade, mas, sobretudo, agrega mais ‘valor social’ os produtos jornalísticos” (2006, p.188).

linguagem digital e a lógica pura do sistema de comunicação em rede criaram as condições para a comunicação horizontal global. Ademais, a arquitetura dessa tecnologia de rede é tal, que sua censura ou controle se tornam muito difíceis. O único modo de controlar a rede é não fazer parte dela, e esse é um preço muito alto a ser pago por qualquer instituição ou organização, já que a rede se torna abrangente e leva todos os tipos de informação para o mundo inteiro. (CASTELLS, 1999, p. 375)

Sobre a questão destacada, Primo e Träsel (2006) salientam que, na rede, é possível um renovado tipo de manifestação da conhecida imprensa alternativa, marcada por iniciativas de grupos insatisfeitos com o monopólio e o bloqueio de informações. Os autores observam que “as tecnologias de comunicação abriram os canais de uma forma muito difícil de bloqueá-los, deixando que a informação tenha fluxo livre e quase irrefreável a partir desses grupos” (2006, p.6). Completam sua reflexão constatando que, “no ciberespaço, fontes independentes (cidadãos comuns) ganham espaço sobre as fontes oficiais e oficiosas⁹” (2006, p.6). A voz adquirida pelo público na ambiência digital aponta para uma possível potencialização do fenômeno dos Pro-Ams.

Anderson (2006) salienta que “os Pro-Ams são uma criação da primeira força da Cauda Longa, a democratização das ferramentas de produção” (p.60). Tendo em vista que o webjornalismo participativo agrega manifestações diversas que acabam chamando a atenção da grande mídia, pode-se fazer uma relação desse conceito com as novas configurações dos produtos informativos da atualidade, com destaque para os suportes digitais. É notória sua configuração como canais onde podem ser publicados desde o registro da indignação de um cidadão com o estado de conservação das ruas de seu bairro até o testemunho de acontecimentos como a tragédia do 11 de setembro, que transformou muitos *blogs* em preciosas fontes de informação aos meios jornalísticos.

Os sistemas colaborativos surgem justamente da possibilidade de troca de informações, cuja existência é possível tanto a partir do modelo todos-todos como da tecnologia das bases de dados (BDs), considerada por Barbosa (2006) como paradigma dos produtos jornalísticos digitais da atualidade. Os meios dominantes acabam absorvendo muitos dados que circulam na *web* a partir de iniciativas de interagentes¹⁰, que produzem, colocam em circulação e buscam as informações

⁹ Citando Gonçalves (2003).

¹⁰ Conforme Primo (2007), “receptor, usuário, utilizador e novo espectador são termos infelizes no estudo da interação, pois deixam subentendido que essas figuras estão à mercê de alguém

disponibilizadas. Hewitt (2007), em análise sobre a relevância dos *blogs* para o jornalismo, define esse processo como “infestação blogueira” (p.30). De acordo com o radialista norte-americano, “quando muitos blogs escolhem um tema ou começam a acompanhar um caso, surge uma infestação” (2007, p.30). A consequência disso é a urgência pela colocação de determinados temas em pauta na grande mídia, a partir de uma operação em rede. Como afirma Hewitt (2007), o processo parte de “pequenas miríades” com poder de ação e decisão (não plenos), num sistema de fluxos laterais de informações. Anderson (2006) comenta a questão dos *blogs*:

[...] foram os blogs (abreviação de weblog) que desencadearam a renascença da editoração amadora. Hoje, milhões de pessoas lançam publicações diárias para um público que, no conjunto, é maior do que qualquer veículo da grande mídia. Por sua vez, os blogs são consequência da democratização das ferramentas: o advento de softwares e de serviços simples e baratos que facilitam a tal ponto a editoração on-line que ela se torna acessível a todos. (ANDERSON, 2006, p.61)

Não se pretende afirmar, aqui, que os *blogs* são os únicos meios abertos à participação. Refere-se à variedade de novos formatos disponíveis na *web*, o que inclui uma série de outros produtos participativos. Alguns agregam conteúdos encaminhados pelo público em seu produto final e outros trabalham diretamente com essas colaborações, em alguns casos dependendo das mesmas para estabelecer suas bases editoriais. A diversidade existente é o fator identificado como desencadeador da cauda longa e dos Pro-Ams no jornalismo digital. Afinal, a abertura dos pólos de emissão a partir de bases de dados (BARBOSA, 2006); (LE MOS, 2003; 2004), que capacita o webjornalismo participativo, simplifica e torna acessíveis ao público os meios abertos à produção amadora. O que se tem visto nos canais informativos do webjornalismo é a unificação da contribuição do público às suas matérias e reportagens.

3 - Mídias locativas, Pro-Ams e Des-re-territorialização

A emergência de novas formas sociais a partir das tecnologias digitais evidencia as bases da cibercultura. Como afirma Lemos (2003), trata-se da simbiose entre as tecnologias e a cultura, ou seja, “a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais” (2003, p.11). Hábitos e costumes são criados a partir do que o autor define

hierarquicamente superior, que é quem pode tomar de fato as decisões” (2007, p.149). Por essa razão, o termo interagente é utilizado, subentendendo a ação do internauta no processo interativo mútuo, isto é, aquele que não tem resultados previamente definidos e programados.

como “apropriação social-midiática da técnica” (2003, p.12). A partir disso, novas práticas são desenvolvidas e é possibilitada a “ampliação das formas de ação e comunicação sobre o mundo” (LEMOS, 2003, p.13). O surgimento e desenvolvimento das chamadas mídias locativas são formas de apropriação e viabilizam as ações do estilo Pro-Am.

Segundo Lemos (2007), “as mídias locativas são dispositivos informacionais digitais cujo conteúdo da informação está diretamente ligado a uma localidade” (p.1). Assim, instituições e sujeitos podem se fazer presentes no ciberespaço, na forma de dados, formando o que o autor chama de “territórios informacionais”. Trata-se de mídias podem ser acessadas de qualquer lugar, oferecendo informações complementares a respeito de localidades, sendo úteis à localização, mapeamento, apropriação do espaço urbano e até para jogos interativos.

A diversificação dos canais disponíveis à circulação e intervenção do público no ciberespaço, tais como celulares e espaços abertos à conexão sem fio (*Wi-Fi*), entre outros, permite a interação mais abrangente, móvel. Lemos (2007) acrescenta que esses sistemas são característicos da ciberurbe, o espaço urbano transformado pelas mídias locativas, ou, como define, a “dimensão simbólica, informacional das cibercidades¹¹ contemporâneas”. De acordo com o pensador:

No começo do século XXI as mídias locativas reforçam a hibridação do espaço físico com o ciberespaço, trazendo novas implicações para o espaço urbano. O fluxo comunicacional se dá por redes sem fio e dispositivos móveis, caracterizando a era da comunicação ubíqua, senciante e pervasiva (Lemos 2006) das mídias locativas. Novas práticas sócio-comunicacionais emergem já que as referências da cidade não se vinculam apenas às marcas territoriais físicas, mas a eventos informacionais dinâmicos, embarcados nos objetos e localidades. Essas transformações configuram a ciberurbe (Lemos, 2005). (LEMOS, 2007, p.10)

A distinta relação estabelecida entre a esfera midiática e o espaço urbano (LEMOS, 2007) dá novo fôlego a iniciativas do webjornalismo participativo, potencializado pelas tecnologias de comunicação móvel. Para Primo e Träsel (2006), “as tecnologias digitais têm servido como motivador para uma maior interferência popular no processo noticioso” (p.4). Isso se deve à flexibilização do acesso à rede,

¹¹ Segundo Lemos (2007), cibercidade “é a cidade na cibercultura” e ciberurbe “é o urbano na cibercultura” (p.11).

bem como das formas e lugares onde a conexão é possível, além das demais tecnologias que facilitam a cooperação. Conforme os autores:

Outro fator que motiva o desenvolvimento do webjornalismo participativo é a vulgarização das máquinas de fotografia digital e celulares que podem captar fotos ou vídeos e enviar mensagens multimídia. Essas tecnologias de comunicação móvel facilitam o registro e divulgação de fatos no momento em que eles ocorrem. As empresas jornalísticas passaram a contar com a pulverização de fontes de imagens e informações, mesmo onde não haja qualquer jornalista ou repórter fotográfico. E não faltam ilustrações sobre os processos distribuídos e capilarizados que subsidiaram a ampliação da cobertura de grandes notícias: o ataque às torres gêmeas, em 11 de setembro de 2001; o tsunami no sudeste asiático, em dezembro de 2004; as explosões no metrô de Londres, em julho de 2005. (PRIMO E TRÄSEL, 2006, p.4)

Eis um bom exemplo do que representam as tecnologias móveis e as mídias locativas para a formação do movimento Pro-Am a partir do webjornalismo participativo. A possibilidade de que qualquer indivíduo com acesso a uma câmera fotográfica digital ou um celular, por exemplo, registre seu testemunho num momento em que a grande mídia não esteja presente e, depois, disponha de canais abertos à participação nas redes digitais para relatá-lo. A partir dos registros que se tornam contribuições, os demais meios podem complementar a cobertura de determinados eventos, enriquecendo suas narrativas.

Em muitos casos, não há a intencionalidade de transformar os dados coletados em notícias jornalísticas. Quando eles caem na rede forma-se um circuito de compartilhamento, que pode partir de um simples *e-mail* ou de um *blog* pessoal, atingindo grandes proporções. Quando o fato é irremediavelmente de interesse jornalístico acaba sendo transmitido por toda a mídia informativa, o que mostra, de certa maneira, um sistema cooperativo entre jornalistas e o público¹². Lemos (2003)

¹² Eventos como a execução do ditador Saddam Hussein, que teve fotos e vídeos supostamente coletados de um celular, foram divulgados em *sites* e outros meios de todo o globo. Fotografias tiradas na prisão de Abu Ghraib, evidenciando torturas de soldados norte-americanos a prisioneiros iraquianos, em 2004, foram destacadas pela mídia. A cobertura desse fato, gerou, inclusive, um pedido oficial de desculpas pelo o secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld. Outro fato recente é um pedido de auxílio aos interagentes feito pela Interpol na caça a um pedófilo, na Tailândia. O suspeito divulgou fotos abusando de crianças, com sua própria face oculta por efeitos digitais. Desfeito o efeito, sua imagem foi divulgada por todo o mundo e sua identidade revelada com o auxílio de internautas. As primeiras imagens do maior acidente aéreo já ocorrido no Brasil, em julho de 2007, foram registradas por câmeras instaladas na pista do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, e por testemunhas que passavam pelo local. Espaços

considera a conexão generalizada responsável pelo fenômeno. Daí emerge, conforme o pensador, “uma nova configuração comunicacional onde o fator principal é a inédita liberação do pólo da emissão – chats, fóruns, e-mail, listas, blogs, páginas pessoais – o excesso, depois de séculos dominado pelo exercício do controle pelos *mass media*” (2003, p.14). Essa é a lógica da cauda longa. Para Anderson (2006), “a consequência de tudo isso é que estamos deixando de ser apenas consumidores passivos para atuar como produtores ativos” (p.61).

3.1 – Des-re-territorialização

Tamanha alteração na forma como os veículos jornalísticos trabalham a informação e na maneira como o público muda de papel nesse sistema remete à idéia de um processo de transformações, já na esfera particular do webjornalismo. Essa fase de mutação e de readaptações pode ser relacionada ao conceito de des-re-territorialização¹³ (LEMOS ,2006). A criação de novas perspectivas produtivas, que potencializam a prática colaborativa nos sistemas jornalísticos, demonstra que, após a abertura dos pólos de emissão, a partir de tecnologias como base de dados e *softwares* com interfaces interativas acessíveis, está acontecendo uma reestruturação. Ela parte da transformação dos chamados Computadores Pessoais – ou *Personal Computers* (PC) – para os Computadores Coletivos (CC) (Lemos, 2003).

Ao longo de quase duas décadas de desenvolvimento do webjornalismo, sua materialização na *web* foi marcada pela formação de três gerações (MIELNICZUK, 2003), ou estágios de transformação. Mielniczuk (2003) identifica a fase da transposição (ou cópia) dos conteúdos de suportes analógicos ao contexto digital (primeira geração); de reaproveitamento, ou “fase da metáfora” (segunda geração), observando-se a potencialização dos conteúdos e explorando-se recursos da rede; e a fase do hipermediático (terceira geração), marcada por “tentativas de, efetivamente, explorar e aplicar as potencialidades oferecidas pela *web* para fins jornalísticos” (2003, p.36). O surgimento do webjornalismo participativo já se dá, como afirma Barbosa (2006) numa etapa de transição para a quarta geração do jornalismo digital.

A inclusão das tecnologias móveis de comunicação e das mídias locativas nesse sistema produtivo representa um elemento de ruptura, que consolida a des-re-

como o VC Repórter, do portal Terra, disponibilizaram imagens encaminhadas por interagentes, que anteciparam inclusive a cobertura televisiva do fato.

¹³ Sobre esse conceito, ver LEMOS (2006) e BELOCHIO (2007).

territorialização. Diz Lemos (2006) que “toda territorialização é uma significação do território (político, econômico, simbólico, subjetivo) e toda desterritorialização, re-significação, formas de combate à inscrição da vida em um ‘*terroir*’, linhas de fuga” (p.4). A des-re-territorialização, nesse sentido, significa um novo ciclo de renovações em determinados contextos institucionalizados, regulamentados, que possuem um território, seja geográfico ou simbólico, definido, com fronteiras demarcadas.

O webjornalismo participativo representa uma linha de fuga ao tradicional, ao sistema massivo, que também delimitava o território de ação das primeiras gerações do jornalismo digital. A formação da cauda longa a partir dos sistemas colaborativos e dos Pro-Ams evidencia a necessidade de reavaliações e adaptações no jornalismo. Aos poucos, a mudança se torna notória em páginas que se abrem à participação do público na composição de notícias. Igualmente, a disponibilidade de micro mídias e instrumentos que facilitam a legitimação dos depoimentos dos cidadãos, tais como câmeras, celulares e gravadores digitais (*mp3 players, I-Pods, palm tops*), entre outros, são considerados propulsores da des-re-territorialização.

Lemos já anunciava, em 2003, que, “o tudo em rede implica na rede em todos os lugares e em todos os equipamentos que a cada dia tornam-se máquinas de comunicar” (p.13). Os Pro-Ams são potencializados a partir da formação desse novo território, o espaço de fluxos de Castells (1999), onde todos trabalham na construção do jornalismo contemporâneo. Cabe uma reflexão acerca das transformações que o fenômeno provoca, bem como sobre as bases em que se firma o webjornalismo participativo, como modalidade que não elimina as anteriores, mas desencadeia reestruturações.

4 – Considerações finais

As transformações impulsionadas pelas tecnologias da informação e comunicação no jornalismo são consistentes e já evidenciam sinais de ruptura no contexto do webjornalismo. Nesse sentido, o webjornalismo participativo e suas materializações no universo da *web* são produtos com novas bases produtivas, renovadas formas de pensar o fazer jornalístico, modificando uma série de processos e dinâmicas do há pouco tempo hegemônico sistema de comunicação de massa.

Tendo em vista a realidade relatada, considera-se necessário observar e reavaliar o estágio evolutivo das práticas jornalísticas na *web*. É efetiva a consciência de que não se pode ignorar a existência do webjornalismo participativo, visto que é

consolidada e irreversível a abertura dos pólos de emissão e o desenvolvimento dos sistemas colaborativos.

Partindo da referida compreensão, identifica-se a era Pro-Am como um contexto em formação, um fenômeno que se mostra nos canais abertos à participação do público, o que, de certa forma, cria um circuito de trabalho em parceria entre jornalistas e leitores. É possível que a cauda longa da informação esteja sendo formada a partir do webjornalismo participativo? A possibilidade de que qualquer cidadão conectado possa se manifestar sobre as questões mais próximas de sua comunidade, ou de seus interesses, não demonstra isso?

As mídias locativas e as tecnologias móveis de comunicação reforçam esse pressuposto, já que ampliam ainda mais as possibilidades de colaboração. A des-re-territorialização dos sistemas produtivos pode estar ocorrendo a partir disso, já que as transformações atuais destacam uma fase de reestruturação, nova definição de fronteiras produtivas. O lugar da colaboração – potencializada pelo webjornalismo participativo – está sendo definido, a partir de novas experiências e readaptações. A reflexão a esse respeito é considerada essencial à identificação do novo território do webjornalismo.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Cris. **A Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho.** Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro, Elsevier, 2006.

BELOCHIO, V. **Jornalismo Colaborativo em Redes Digitais: Estratégia Comunicacional no Ciberespaço. O caso de Zero Hora.com.** Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria/RS, 2009.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) - Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos.** Tese de Doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da UFBA. Salvador, 2006.

BRAMBILLA, Ana. **Jornalismo Open Source: discussão e experimentação do OhmyNews International.** Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado) em Comunicação e Informação), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, 2006.

BELOCHIO, Vivian. **Jornalismo participativo na rede: des-re-territorialização de contextos produtivos?** Artigo apresentado no IX Seminário Internacional de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura)**. Volume 1, São Paulo: Editora Paz e Terra, 2a. ed., 1999.

GILLMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Presença, 2005.

HEWITT, Hugh. **Blog: entenda a revolução que vai mudar seu mundo**. Tradução Alexandre Martins Morais. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

LEMOS, André. **Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na Cibercultura**. Artigo apresentado no 15o Encontro Annual da Compós. Bauru, 2006.

_____. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2004.

_____. **Mídia Locativa e Territórios Informacionais**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - XVI COMPÓS: Curitiba/PR, 2007.

LEMOS, André.; CUNHA, P. (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: Uma Contribuição para o Estudo do Formato da Notícia na Escrita Hipertextual**. Tese de Doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da UFBA. Salvador, 2006.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PRIMO, Alex.; TRÄSEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Contracampo (UFF), v.14, p.37-56, 2006.

Referências Bibliográficas

ANTELO, Raul. La Communità che viene: Ontologia da Potência. In. SEDLMAYER, Sabrina; GUIMARÃES, César; OTTE, Georg (Orgs.). **O Comum e a Experiência da Linguagem**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2007.

BAECQUE, Antoine de. **Andrei Tarkovski**. Paris: Cahiers du Cinéma, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. "Introdução" In. **A Cultura Popular na Idade Média**. São Paulo/Brasília: Hucitec/EdUnB, 1987. p. 1/51.

BENSMAÏA, Redá. L'Espace quelconque comme personnage conceptuel. In. FAHLE, OLIVER; ENGELL, Lorenz (Orgs.). **Le Cinéma selon Deleuze**. Paris/Weimar: Presses de la Sorbonne Nouvelle/Universität Weimar, 1997.

BIRD, Robert. **Andrei Rublev**. Londres: British Film Institute, 2004.

BORNSTEIN, Thorsten Blotz. **Films and Dreams: Tarkovsky, Bergman, Sokurov, Kubrick, and Wong Kar-Wai**. Plymouth: Lexington, 2007.

- BOYD, Melanie. To Blame Her Sadness: Representing Incest in Atom Egoyan's The Sweet Hereafter. In TSCHOFEN, Monique; BURWELL, Jennifer (Orgs.). p. 275/294.
- BULLOT, Erik. **Sayat Nova de Serguei Paradjanov**. Crisnée: Yellow Now, 2007.
- BURTYNSKY, Edward. **Manufactured Landscapes**. 4. ed. Ottawa/New Haven: National Gallery of Canada/Yale University Press, 2005.
- CALDERÓN DE LA BARCA. **A vida é Sonho**. Lisboa: Estampa, 1973,
- CAPANNA, Pablo. **Andrei Tarkovski: El Ícono y la Pantalla**. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2003.
- CAZALS, Patrick. **Serguei Paradjanov**. Paris: Ed. de Etoile/Cahiers du Cinéma, 1993.
- DELEUZE, Gilles. Carta a Serge Daney: Otimismo, Pessimismo e Viagem. In. **Conversações**, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. Fé e Saber. In. DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Ganni (Orgs.). **A Religião: o seminário de Capri**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- DESBARATS, Carole; LAGEIRA, Jacinto; RIVIERE, Danile; VIRILIO, Paul. **Atom Egoyan**. Paris: Dis Voir, 1993.
- DUBY, Georges. **O tempo das Catedrais**. Lisboa: Estampa, 1978.
- ECO, Umberto. A Nova Idade Média. In. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 73/100.
- FARAGO, France. La Réalité Plénière du Spirituel: Andrei Roublev, **Etudes Cinémaographiques**, p. 135/138.
- GOVERNATORI, Luca. **Andrei Tarkovski: L'Art et la Pensée**. Paris: L'Harmattan, 2002.
- GRUBEN, Patrícia. Look but Don't Touch: Visual and Tactile Desire in Exótica, The Sweet Hereafter, and Felicia's Journey. In. TSCHOFEN, Monique; BURWELL, Jennifer (Orgs.). p. 249/274.
- HARCOURT, Peter. Imaginary Images. An Examination of Atom Egoyan's Films, **Film Quarterly**, v. 48, n. 3, 1995, p. 2-15.
- JOHNSON, Vita; PETRIE, Graham. **The Films of Andrei Tarkovsky**. A Visual Fugue. Bloomington: Indiana University Press, 2004.
- JOYCE, James. Os Mortos. In. **Dublinenses**. Rio de Janeiro/São Paulo: Globo/Folha de São Paulo, 2003.
- KEGEL, Kathrin. The Thirteenth Church: Musical Structures in Atom Egoyan's Calendar. In. TSCHOFEN, Monique; BURWELL, Jennifer (Orgs.). p. 79-100.
- LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 15-40.

- LOPES, Denilson. A Salvação pelas Imagens. In. **A Delicadeza**. Brasília: EdUnB, 2007a.
- _____. Poética do Cotidiano. In. **A Delicadeza**. Brasília: EdUnB, 2007b.
- MACHADO, Álvaro (org.). Aleksandr Sokúrov. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.
- MENDES, Murilo. O Discípulo de Emaús e Poliedro. In. **Poesia Completa e Prosa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.
- MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/Projetos Globais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MINOIS, Georges. A Diabolização do Riso na Alta Idade Média. In. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Unesp, 2003. p. 111-154.
- PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum: Comunidade, Mídia e Globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- PARADJNAVO, Serguei. **Paradjanov, Le Magnifique**. Catálogo de Exposição. Paris: Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 2007.
- PELBART, Peter Pál. A Comunidade dos Sem Comunidade. In. **Vida Capital: ensaios de Biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- SEDLMAYER, Sabrina. Recados de Vida, Cartas sem Destinatário: Bartleby e Companhia. In. SELDMAYER, Sabrina; GUIMARÃES, César; OTTE, Georg (Orgs.). **O Comum e a Experiência da Linguagem**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- TARIZZO, Davide. Filósofos em Comunidade. Nancy, Esposito, Agamben. In. PAIVA, Raquel (Org.). **O Retorno da Comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. **Interviews**. Jackson: University of Mississippi, 2006.
- TSCHOFEN, Monique; BURWELL, Jennifer (Orgs.). **Image and Territory: essays on Atom Egoyan**. Ontario: Wilfried Laurier, 2007.
- VADICO, Luiz Antonio. **A Imagem do Ícone: cristologia através do cinema: um estudo sobre a adaptação cinematográfica da vida de Jesus Cristo**. Campinas: Universidade de Campinas, 2005. Tese de Doutorado.
- WEIL, Simone. **Gravity and Grace**. New York: Routledge, 2007.
- ZIZEK, Slavoj. The Thing from Inner Space. In. SALECL, Renata (Org.). **Sexuation**. Durham: Duke University Press, 2000.
- _____. **The Fright of Real Tears: between Theory and Post-Theory**. Londres: British Film Institute, 2001.